

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
27 e 28 de Junho de 2023  
TRÊS VEZES JOAN BENNETT

## SUSPIRIA / 1976 Suspiria

*Um filme de Dario Argento*

*Argumento:* Dario Argento e Daria Nicolodi / *Diretor de fotografia* (35 mm, Technicolor revelado como Eastmancolor, Technovision): Luciano Tovoli / *Cenários:* Giuseppe Bassan / *Figurinos:* Piero Cigoletti / *Efeitos especiais:* Germano Natali / *Música:* I Goblin e Dario Argento / *Montagem:* Franco Fraticelli / *Som:* Mario Balimonte (gravação), Luciano Anzolotti (efeitos sonoros), Nick Alexander (dobragem da versão internacional em inglês) / *Interpretação:* Jessica Harper (*Susy Bannon*), Alida Valli (*Miss Tanner*), Joan Bennett (*Mme. Blanc*), Stefania Casini (*Sara*), Flavio Bucci (*Daniel, o cego*), Barbara Magnolfi (*Olga*), Eva Axen (*Patty Newman*), Udo Kier (*o psiquiatra*), Miguel Bosè (*Mark*), Rudolf Schundler (*Professor Millius*).  
*Produção:* S.E.D.A. (Roma) / *Cópia:* digital (transcrito do original em, 35 mm) versão em inglês com legendas em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia Mundial:* 1 de Fevereiro de 1977 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Star e City Cine), 6 de Abril de 1978; apresentado pela primeira vez na Cinemateca Portuguesa a 23 de Setembro de 2009, no ciclo "Eram os Anos 70".

\*\*\*\*\*

A sessão de dia 28 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

\*\*\*\*\*

O *autorismo* não se aplica apenas aos filmes que se posicionam e são vistos como arte, mas também ao chamado cinema popular. Depois da justificada extensão da noção de *autor* ao cinema de Hollywood (todo ele popular) pela crítica francesa dos anos 50, a noção foi alargada a realizadores de géneros considerados menores quando não idiotas ou *kitsch*, como o *peplum* e o cinema de horror. E não sem razão, pois em todos os géneros cinematográficos há bons e maus realizadores, independentemente de terem ou não um "universo pessoal". Dario Argento pertence à categoria dos realizadores de filmes de horror que são levados a sério por alguns críticos, como também foi o caso de Terence Fisher nos anos 50 e 60 e James Whale nos anos 30. Quando a crítica sabichona não elogia este tipo de cineastas no presente, elogia-os no futuro, como se pode constatar pelos doutos artigos dos *Cahiers du Cinéma* sobre o dvd de **Suspiria**, trinta anos depois do lançamento do filme nas salas, quando este foi soberbamente ignorado pela crítica *de sobrolho alto*.

**Suspiria** é a sexta longa-metragem de Argento e foi o filme que consolidou e tornou familiar o seu nome, embora os seus filmes anteriores não tivessem passado despercebidos. Foi um triunfo comercial em Itália e teve vasta distribuição internacional, como convém a qualquer tipo de *cinema popular*. Os cinco filmes que Argento realizara até então pertencem ao género criminal, que os italianos designam por *giallo* e que é o exato equivalente do *filme negro*: há neles uma ação de tipo criminal, porém sem causas definidas, sem a lógica da indução que caracteriza o filme policial propriamente dito, pois tudo depende da criação de um ambiente de temor e ameaça. As notáveis qualidades visuais e rítmicas do cinema de Argento são evidentes nestes filmes, com destaque para **L'Uccello Dalle Piume di Cristallo** e sobretudo **Profondo Rosso**. Argento é um realizador profundamente cinéfilo, que nasceu no cinema, pois o seu pai era produtor e ele próprio começou a sua carreira como co-argumentista de **C'Era Una Volta il West**, de Sergio Leone. Argento admira o cinema alemão mudo e também o cinema clássico americano, declarando-se grande apreciador do Technicolor dos tempos de Nathalie Kalmus, que tentou reproduzir, na medida do possível, em **Suspiria**. Numa entrevista de 1975, Argento declarou que considera o *giallo* e o cinema fantástico como dois géneros extremamente próximos: "O «thriller» permite ao realizador fazer voar sobre a cabeça do espectador, durante vários minutos, grandes momentos de irracional e delírio. Permite fazer cinema moderno e interrogar os tempos narrativos, que são atualmente o terreno mais interessante que se pode apresentar a um autor". Num estudo sobre o cinema de Argento, o crítico Roberto Pugliese corrobora esta ideia, ao escrever que nos seus cinco filmes iniciais Argento

obedeceu às regras do *giallo*, “*submetendo-as porém a crescentes pulsões irracionais e a lacerações anti-lógicas*”, que são elementos característicos do filme de horror. Mas na verdade há algumas diferenças importantes entre o *giallo* e o filme fantástico ou de horror: num *giallo* ou *filme negro*, a trama narrativa tem importância, por mais que contenha elementos obscuros ou irracionais, por mais que a ação não tenha verdadeira causa. Num filme de horror ou fantástico a trama, por definição, não tem importância (bruxas e vampiros não têm referências na realidade), a única coisa que conta é o ambiente, o clima de ameaça e medo, com súbitas erupções de cenas sangrentas. O exagero, o grotesco e o *grand guignol* fazem por assim dizer parte do gênero e Argento não se coibiu de incluir estes elementos em **Suspria**, enriquecendo-os com o seu sentido visual e sonoro - em suma, com as suas aptidões de *metteur en scène* - e por um inteligente jogo de referências cinematográficas e extra-cinematográficas. As referências cinematográficas começam com as presenças de duas grandes damas do cinema do passado: Alida Valli, como uma lésbica teutónica e autoritária, que talvez tenha sido “enfermeira” em algum campo de concentração; e Joan Bennett, pois Argento queria para o papel “*uma senhora americana mais velha e muito elegante e além disso ela tinha trabalhado em alguns filmes do meu ídolo Fritz Lang*”. Menos visível, mas talvez mais comovente, é a brevíssima presença, no papel do velho professor, de outro ex-ator de Lang, Rudolf Schundler, que teve um papel em **O Testamento do Dr. Mabuse**. Há ecos de Jacques Tourneur, com a opção, em algumas passagens, de instaurar o medo pela sugestão, pelo não visto, embora Argento não se recuse a mostrar sangue e monstros, muito pelo contrário. É ainda no campo das referências ou alusões cinematográficas que se situa a o difícil percurso num táxi, numa noite de tempestade, da jovem americana entre o aeroporto e a academia de dança, que evoca todas as chegadas cinematográficas de Jonathan Harker ao castelo do Conde Drácula, de Murnau a Terence Fisher. O tema do castelo mal-assombrado, maldito; a presença da ideia da bruxaria; certos mitos ligados à Europa Central; a jovem inocente ameaçada por terríveis forças do mal, são outros tantos elementos comuns a dezenas de livros e filmes de horror, sobre os quais Argento tece variações pessoais.

Do ponto de vista formal, **Suspria** é um filme extremamente pensado e controlado, de um realizador que não se fica pelas intenções. Para manter a tensão - e talvez para evitar a moleza de alguns filmes de horror italianos, como os de Mario Bava por exemplo - cada sequência foi concebida “*como um mini-filme*” que contasse uma história e tivesse uma identidade visual específica. É evidente que algumas sequências sobressaem, como a de abertura, que vai do genérico até à chegada da jovem à academia de dança e a inesquecível morte do pianista cego, numa grande praça deserta, fechada por pesados edifícios neo-clássicos, num ambiente à de Chirico. Esta cena é filmada à maneira de Tourneur, pois nem o cego nem o espectador vêem o perigo. Os cenários de **Suspria** não procuram dar uma impressão de conjunto, tornar legível a disposição dos cômodos do casarão onde se passa quase toda a ação, destinam-se a criar e reforçar um ambiente insólito, uma ideia de labirinto, necessária a um filme que procura transmitir o medo da protagonista e criar medo no espectador. Dario Argento é um artesão meticuloso, que sabe que tem de manipular a matéria cinematográfica para obter os efeitos que quer. A fotografia de Luciano Tovoli (colaborador de Antonioni em **Professione Reporter** e **Il Mistero di Oberwald**), extremamente nítida, retomou, explica Argento, uma técnica usada nos anos 30: foi escolhida uma película de baixíssima sensibilidade e era preciso iluminar os cenários com muita intensidade, o que criou cores muito contrastadas, sem homogeneidade, o que na opinião do realizador reforçou a criação de ambientes estranhos. Não menos notável é o uso do som, que valeu a **Suspria** a particularidade de ser objeto de estudo no ensaio *100 Modern Soundtracks*, de Philip Brophy. Do ponto de vista sonoro, o momento mais brilhante de **Suspria** é provavelmente a sequência de abertura, a chegada de Jessica Harper ao aeroporto. Fazendo-nos sentir que a realidade e a normalidade vão deixar de existir quando a ação propriamente dita começar, Argento alterna planos em que vemos a atriz e o movimento no aeroporto com um som de ambiente, realista; e em contra-campo, a porta de saída, com o tema musical do filme, que já introduz outra dimensão. Numa sucessão de campos e contra-campos passamos de uma realidade sonora a outra, passamos de algo que se parece à realidade a algo que só pode existir no cinema. Um espectador que não se dê conta disto é imediatamente preso pelo filme. Um espectador que se dê conta, fica seduzido e entra no filme de modo consciente, entra na *mise en scène*, da qual a “história” passa a ser um simples ponto de apoio.

Antonio Rodrigues